

Brasil pagará a credores este ano mais que os US\$ 10,9 bi de 1991

ROSSANA ALVES

BRASÍLIA — A renegociação da dívida externa com os bancos privados e os países credores reunidos no Clube de Paris não deverá propiciar um alívio nos desembolsos do Brasil ao exterior em 1992. A expectativa dos economistas Paulo Nogueira Baptista, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Arno Meyer, da Fundação do Desenvolvimento Administrativo do Estado de São

Paulo (Fundap), e do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) é de que este ano os pagamentos ao exterior superem os US\$ 10,9 bilhões enviados em 1991 pelo governo e o setor privado aos bancos comerciais, aos organismos multilaterais (FMI, Bird e BID) e às agências governamentais.

— Por melhor que venha a ser o acordo, os pagamentos externos este ano vão aumentar em relação a 91 — prevê Meyer.

— O acordo com o Clube foi

muito pesado para o Brasil e isto complica a situação da dívida externa, diz Nogueira Baptista.

Segundo dados obtidos por Suplicy junto ao BC, o setor privado desembolsou no ano passado US\$ 1,8 bilhão para honrar os empréstimos externos, um valor 50% superior ao US\$ 1,2 bilhão pago em 1990. No setor público, o total de pagamentos chegou a US\$ 9,1 bilhões, o que representa 107% a mais sobre o montante de 1990.

A maior parcela dos recursos

desembolsados em 1991 pelo setor público foi para os bancos privados, que receberam US\$ 5,3 bilhões — 350% mais que em 1990. O aumento se deve ao acordo de reescalonamento dos juros atrasados com os bancos credores, que causou desembolso de US\$ 2 bilhões, e à decisão do governo em liberar os pagamentos das dívidas externas da Petrobrás, Vale do Rio Doce e bancos oficiais. Além disso, US\$ 3,4 bilhões foram para os organismos multilaterais.